© Sibila Publicações

CARTAS PORTUGUESAS

NUNO JÚDICE

EDIÇÃO E PREFÁCIO

cartas portuguesas

cartas duma religiosa portuguesa

TRADUÇÃO DE FILINTO ELÍSIO

cartas familiares de uma ilustre desconhecida oferecidas ao público por um anónimo

© Sibila Publicações

2ª EDIÇÃO

Sibila
PUBLICAÇÕES

LISBOA

Título: ***Cartas Portuguesas***
Cartas Duma Religiosa Portuguesa | Tradução de Filinto Elísio
Cartas Familiares de Uma Ilustre Desconhecida Oferecidas ao Público Por Um Anónimo
Edição e Prefácio: © 2018 Nuno Júdice

© 2019 Sibila Publicações
admin@inespedrosa.com
www.sibila.pt
www.facebook.com/sibilapublic
www.twitter.com/sibilapublic
Este livro pertence à Colecção Coisas Que Ficam.

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:
Nas Tuas Mãos Unip. Lda.
Lisboa, Portugal
Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes
Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.
Revisão de texto: N. J., Gilson Lopes
Distribuição: Sibila
Imagem da capa: *Rolla*, por Henry Gervex (1852-1929). Museu d'Orsay.
Legendas das ilustrações: p.128.
1.ª edição: Setembro de 2018. Tiragem: 500 exemplares.
2ª edição: Setembro de 2019. Tiragem: 650 exemplares.
ISBN: 978-989-99946-7-6

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

© Sibila Publicações

índice

prefácio 9
nota editorial 20

cartas duma religiosa portuguesa 21
carta I 23
carta II 26
carta III 29
carta IV 32
carta V 35
carta VI 38
carta VII 41

cartas portuguesas atribuídas a mariana alcoforado 45
carta I 47
carta II 50
carta III 54
carta IV 58
carta V 65

cartas familiares 71
carta I 73
carta II 75
carta III 76
carta IV 77
carta V 78
carta VI 79
carta VII 80
carta VIII 81

© Sibila Publicações

carta IX 82
carta X 83
carta XI 84
carta XII 85
carta XIII 86
carta XIV 87
carta XV 88
carta XVI 89
carta XVII 90
carta XVIII 91
carta XIX 92
carta XX 93
carta XXI 95
carta XXII 96
carta XXIII 97
carta XXIV 98
carta XXV 99
carta XXVI 101
carta XXVII 102
carta XXVIII 103
carta XXIX 105
carta XXX 106
carta XXXI 107
carta XXXII 108
carta XXXIII 109
carta XXXIV 110
carta XXXV 112
carta XXXVI 113
carta XXXVII 114
carta XXXVIII 116
carta XXXIX 118
carta XL 119
carta XLI 120
carta XLII 121
nota biográfica 123

© Sibila Publicações

Umas cartas bem portuguesas

© Sibila Publicações

Em 1821 é publicado em Lisboa, na Imprensa Nacional, um opúsculo de 55 páginas intitulado *Cartas Familiares de Uma Ilustre Desconhecida Oferecidas ao Público Por Um Anónimo*. O livrinho, com licença da Comissão de Censura, tem ainda uma indicação: «Vende-se na loja de João Nunes Esteves, rua do Ouro, nº 234». Podíamos integrar o livro dentro do capítulo da literatura de cordel onde já temos o caso do «Maria! Não me mates, que sou tua mãe!», publicado em 1848 por Camilo Castelo Branco, mas a sua leitura coloca várias interrogações a partir da indiscutível qualidade literária do texto. Irei tentar responder a algumas delas seguindo o fio de uma investigação em que tudo são indícios que, no fim, apenas apontam num sentido, embora nada haja que possa fundamentar a resposta à pergunta que a cada momento me foi surgindo: Poderá o autor anónimo deste folheto ser o jovem Almeida Garrett?

Antes de entrar nesse capítulo, uma pergunta prévia: quem é na realidade o editor? Embora nos encontremos perante uma edição da Imprensa Nacional, o verdadeiro responsável pela edição é João Nunes Esteves em cuja livraria estavam postas à venda as *Cartas Familiares*. Com loja na Rua do Ouro, 234, até 1821, muda-se em 1822 para a Rua dos Correeiros,

144 onde se mantém até à década de trinta, publicando em 1834 um dos seus autores populares, José Daniel Rodrigues da Costa, com a obra *Os Enjeitados da Fortuna Expostos na Roda do Tempo.* Além de vender sobretudo obras nessa área da literatura de cordel como *Amante Militar, Amigos Rivais*, *As duas desafortunadas*, de publicar livros de agricultura, de cozinha, obras religiosas, panfletos de José de Agostinho de Macedo, também edita textos mais relevantes como as *Poesias* de um infelizmente esquecido Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, cujo diário pícaro se encontra num dos três volumes da segunda impressão de 1806, anterior à que faz Nunes Esteves, ou o *Uruguai* de José Basílio Da Gama, em 1823.

Não é alguém que tenha vivido alheio às vicissitudes dessas décadas do nosso século XIX, marcadas pelas lutas entre constitucionais e miguelistas, e encontra-se no *Diário do Governo* de 1820 uma referência a um João Nunes Esteves, promovido de sargento a Quartel Mestre que bem poderá ser esse livreiro. Se a ligação a José Agostinho de Macedo, antiliberal fanático, ou a Daniel Rodrigues da Costa que mantém uma atitude ambígua nesses anos de lutas civis, poderiam levantar o problema de saber porque motivo o liberal Garrett o escolheria como editor, a resposta é dada no ano seguinte à edição das *Cartas Familiares*: é na Impressão de João Nunes Esteves que sai, em 1822, *O Toucador, Periódico Sem Política Dedicado às Senhoras*, de que o redactor era Almeida Garrett, sendo essa revista de moda escrita pelo próprio Garrett em colaboração com Luís Francisco Midosi, primo de Luísa Midosi com quem o poeta se viria a casar poucos meses depois, em Novembro desse ano.

Importa isto para o que poderá ser o primeiro ponto desse exercício sherlockiano de associar João Nunes Esteves a Garrett. Embora *O Toucador* seja publicado no ano seguinte às *Cartas Familiares*, a relação entre autor e editor poderia ser anterior a essa data uma vez que Garrett já estava em Lisboa em 1821, ano em que faz o papel de Bruto na sua tragédia *Catão*, representada no Teatro do Bairro Alto. Embora

© Sibila Publicações

a sua vida estivesse ligada até então a Coimbra e ao Porto, o facto de ser já uma personalidade conhecida no meio político e cultural poderá ter sido determinante para encontrar acolhimento favorável por parte do livreiro João Paulo Esteves, a quem teria tido acesso devido a Luís Francisco Midosi ou alguma outra figura do meio cultural lisboeta que lhe tivessem sugerido esse editor lisboeta de livrinhos de cordel. Pode aliás confirmar-se que Garrett era já um autor em busca de afirmação na capital devido ao facto de, nesse mesmo ano de 1821, ter publicado em Lisboa, na tipografia rolandiana, o opúsculo *O Dia Vinte e Quatro de Agosto* que assina como «o cidadão J.B.L.A. Garrett». Talvez esse empenhamento do jovem Garrett o tivesse feito retrair de assinar com o seu nome um opúsculo amoroso publicado nesse editor que, no ano anterior, também na Imprensa Nacional, editara um folheto de cordel com a história de Carlos Magno, o que está registado no arquivo da Imprensa Nacional-Casa da Moeda do ano de 1820, tal como no ano seguinte se encontra a nota de encomenda do volume das *Cartas Familiares*, feita por João Nunes Esteves, com indicação do tipo de papel e respectivo preço. Infelizmente, nada consta quanto ao nome do autor.

Prosseguindo este caminho, perguntar-se-á o que haverá nestas cartas que nos levem a procurar atribuir a sua autoria a alguém tão relevante para a imposição do gosto romântico como Garrett, que só em 1825 publicará a primeira obra em que esse espírito se manifesta: o poema *Camões*, impresso em Paris onde se exilara em 1823 em fuga ao golpe miguelista que pôs fim ao regime constitucional, e onde publicará também *Dona Branca* no ano seguinte. Em Portugal, só em final da década de trinta surgem outras publicações, como *A Harpa do Crente* de Herculano, datado de 1838, abrindo o grande período romântico que se situa na década de quarenta, logo após a vitória de D. Pedro em 1834 que põe fim à guerra civil e instaura uma relativa pacificação da vida política em Portugal permitindo que as grandes obras romanescas, poéticas e teatrais destes e outros autores vejam a luz do dia. O que importa

© Sibila Publicações

© Sibila Publicações

reter, assim, é este atraso de Portugal em relação aos países da Europa onde o Romantismo se manifestara desde inícios do século.

A razão da sua importância é simples: trata-se do primeiro texto literário em que se encontra uma influência visível na nossa língua das *Lettres Portugaises*, publicadas em França em 1669, conhecidas mais comummente por *Cartas da Religiosa portuguesa*, essa Mariana Alcoforado que se torna um dos grandes mitos da literatura amorosa europeia, deixando a sua marca em poetas como Rilke ou pintores como Matisse. Também anónimas, a polémica sobre a sua autoria não mais se interrompeu, desde os que defendem ser da mão da própria freira a sua escrita, tanto mais que o conde de Guilleragues, seu possível autor, se apresenta como tradutor dessas cartas que lhe teriam chegado às mãos em português. É provável que, na altura em que decidiu traduzi-las, Filinto Elísio não se tivesse preocupado com esta questão bizantina que ocupará muitos espíritos e milhares de páginas do século XIX em diante; mas não queria deixar de referir que Philippe Sollers, que conhece bem o mundo feminino, escreveu na sua edição das *Lettres Portugaises*, que as considera autênticas, porque «nenhum homem — e certamente não o pálido Guilleragues — poderia ir tão longe na descrição da loucura amorosa feminina», chegando a interrogar-se sobre se Mariana Alcoforado teria lido Santa Teresa de Ávila (cf. a sua edição das *Cartas* na editora Elytis, Bordéus, 2009). É uma posição tão insuspeita quanto vem da parte de um escritor natural de Bordéus, como Guilleragues, o que o poderia levar a forçar a nota da autoria deste para valorizar o seu conterrâneo.

Passando por cima destas questões sem solução à vista, o que é surpreendente é vermos que uma obra que suscitou, devido ao seu êxito, inúmeras glosas e imitações desde a sua primeira publicação, não parece ter encontrado em Portugal qualquer eco durante os 150 anos que vão da sua primeira edição, em 1669, até à primeira tradução publicada em 1819 por Filinto Elísio (1734-1819), poeta português exilado em França

© Sibila Publicações

desde 1778, quando teve de fugir à Inquisição, não mais tendo voltado à pátria.

A tradução de Filinto, que se encontra no volume X das suas *Obras Completas* publicadas em Paris entre 1817 e 1819 na oficina de A. Bobée, concluídas, portanto, no ano da sua morte, é das melhores que conheço, embora a falta de revisão final por parte do poeta, devido à sua avançada idade e doença, tenha deixado passar uma ou outra imprecisão que não prejudica o cuidado que teve em dá-las no seu magnífico português, o que talvez explique o facto de, no índice em que acrescentou «Traduzidas do francês» a outras três obras contidas nesse volume, o não tenha feito em relação às *Cartas*. Razão suplementar para as editar neste volume, tanto mais que Filinto utilizou uma edição em que as cinco *Lettres Portugaises* são complementadas por outras sete, apócrifas, mas de todo o interesse novelesco. Foi em 1689 que o editor Claude Barbin, aproveitando o êxito da primeira publicação, as acrescenta às cinco cartas de 1669; e terá sido a partir desta edição «falsificada» que Filinto trabalhou sem pôr em questão a incoerência entre os dois conjuntos. Com efeito, nestas sete cartas iniciais a autora é uma Dama da sociedade lisboeta, frequentando salões onde encontra o Amante que lhe faz ciúmes e a quem ela responde na mesma moeda, justificando-se depois em dolorosas e apaixonadas confissões — tão extremas que o próprio tradutor acrescenta uma curiosíssima nota em que atribui tal excesso de paixão a um «espírito refinado de álcool a 60 graus da quinta essência das finuras da afeição». Conhecendo a lenda boémia a que o associa a canção de taberna «Filinto Elísio, da velha França/enche-me a pança/deste sabor! Malditas tripas/que não comportam/trinta mil pipas/deste licor!», não é de surpreender esta exaltação das qualidades afrodisíacas do álcool que o tradutor associa a tão devotada amante.

O que é interessante é verificarmos como se passa deste mundo perfeitamente urbano e sem nada de religioso, para além do uso da igreja como local de troca de olhares amorosos, para as últimas cinco cartas, estas sim pertencentes a Guillera-

© Sibila Publicações

gues, todas elas passadas no Mosteiro de Beja. Quase que não notamos a diferença estilística, o que é notável porque, no original francês, as sete primeiras não têm comparação com o notável plano literário das que são atribuídas a Guilleragues. Esta publicação vem, por outro lado, revelar que será nesse mundo profano das primeiras sete cartas apócrifas que se terá inspirado o Autor das *Cartas* familiares que, sendo Garrett, talvez não tenha querido assumir mais tarde a sua paternidade por verificar que não terá conseguido igualar, na sua glosa, o seu Mestre de então.

Não será obviamente de excluir que as *Lettres* tenham sido lidas em Portugal desde a sua primeira publicação, embora o seu conteúdo amoroso e o facto de terem sido escritas por uma religiosa as tenham colocado no Index da Inquisição. Como se sabe, isso não era impedimento à sua divulgação, pelo menos nos meios mais letrados; mas, se a colocação no Index explica que não tenham sido traduzidas durante mais de século e meio desde a sua publicação, torna difícil de entender que não tenha havido qualquer referência ou alusão ao texto por parte da nossa elite cultural nem tenham dado origem a uma literatura epistolar de tipo semelhante. Em termos objectivos, o que terá de se constatar é que, pouco mais de um ano após a tradução das *Lettres* por um autor que gozava de projecção entre nós pela sua característica de exilado e de ter sido familiar de grandes nomes da literatura portuguesa, como a Marquesa de Alorna, e francesa como Lamartine (de quem foi professor de português, e que lhe dedica um poema) encontramos estas *Cartas Familiares* que tudo devem ao modelo das *Lettres Portugaises* e que são inquestionavelmente uma consequência dessa tradução, seguida em 1825 por uma outra do Morgado de Mateus, dando origem a uma sequência de tradutores ilustres de que se destacam Pinheiro Chagas (1874), Jaime Cortesão (1921), Afonso Lopes Vieira (1941), Eugénio de Andrade (1969) e Pedro Tamen (2000).

Familiar de românticos e convertido à nova doutrina literária, não obstante ter iniciado o seu percurso sob a égide

© Sibila Publicações